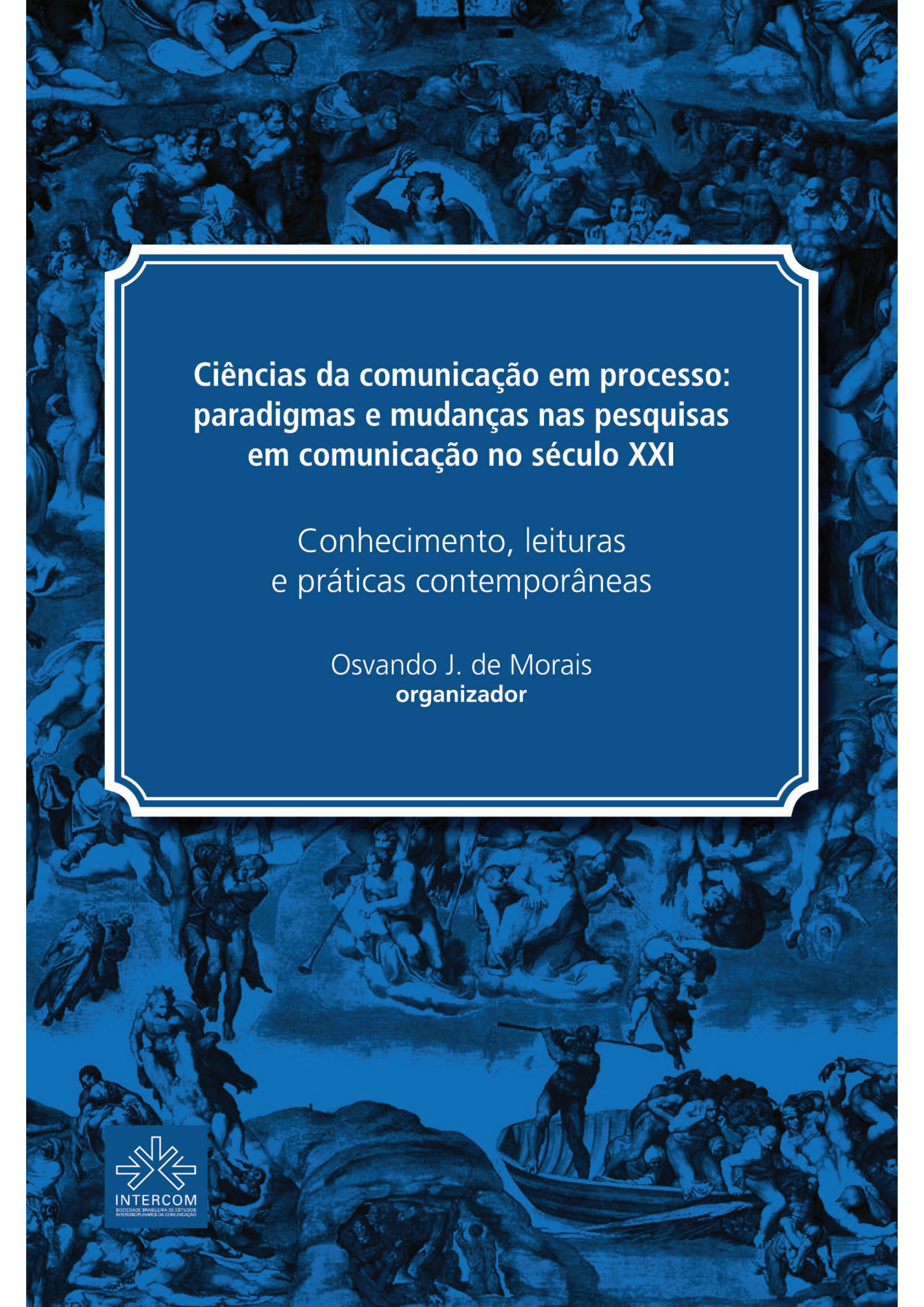




Ciências da comunicação em processo: paradigmas e mudanças nas pesquisas em comunicação no século XXI

Conhecimento, leituras
e práticas contemporâneas

Osvando J. de Moraes
organizador

Ciências da comunicação em processo: paradigmas e mudanças nas pesquisas em comunicação no século XXI

Conhecimento, leituras
e práticas contemporâneas

DIRETORIA EXECUTIVA - TRIÊNIO 2014 2017

Presidência – Marialva Carlos Barbosa (UFRJ)
Vice-Presidência – Ana Silvia Lopes Davi Médola (UNESP)
Diretoria Financeira – Fernando Ferreira de Almeida (METODISTA)
Diretoria Administrativa – Sonia Maria Ribeiro Jaconi (METODISTA)
Diretoria Científica – Iluska Maria da Silva Coutinho (UFJF)
Diretoria Cultural – Adriana Cristina Omena dos Santos (UFU)
Diretoria de Projetos – Tassiara Baldissera Camatti (PUCRS)
Diretoria de Documentação – Ana Paula Goulart Ribeiro (UFRJ)
Diretoria Editorial – Felipe Pena de Oliveira (UFF)
Diretoria de Relações Internacionais – Giovandro Marcus Ferreira (UFBA)
Diretoria Regional Norte – Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues (UFAM)
Diretoria Regional Nordeste – Aline Maria Grego Lins (UNICAP)
Diretoria Regional Sudeste – Nair Prata Moreira Martins (UFOP)
Diretoria Regional Sul – Marcio Ronaldo Santos Fernandes (UNICENTRO)
Diretoria Regional Centro-Oeste – Daniela Cristiane Ota (UFMS)

Conselho Fiscal

Elza Aparecida de Oliveira Filha (UP)
Luiz Alberto Beserra de Farias (USP)
Osvando J. de Moraes (UNESP)
Raquel Paiva de Araujo Soares (UFRJ)
Sandra Lucia Amaral de Assis Reimão (USP)

Conselho Curador – quadriênio 2013-2017

Presidente – José Marques de Melo
Vice-Presidente – Manuel Carlos da Conceição Chaparro
Secretária – Cícilia Maria Krohling Peruzzo
Conselheiro – Adolpho Carlos França Queiroz
Conselheira – Anamaria Fadul
Conselheiro – Antonio Carlos Hohlfeldt
Conselheiro – Gaudêncio Torquato
Conselheira – Margarida Maria Krohling Kunsch
Conselheira – Maria Immacolata Vassallo de Lopes
Conselheira – Sonia Virginia Moreira

Secretaria Executiva Intercom

Gerente Administrativo – Maria do Carmo Silva Barbosa
Web Designer – Genio Nascimento
Assistente de Comunicação e Marketing – Jovina Fonseca

Direção Editorial
Felipe Pena de Oliveira

Presidência
Muniz Sodré (UFRJ)

Conselho Editorial – Intercom

Alex Primo (UFRGS)
Alexandre Barbalho (UFCE)
Ana Sílvia Davi Lopes Médola (UNESP)
Christa Berger (UNISINOS)
Cicília M. Krohling Peruzzo (UMESP)
Erick Felinto (UERJ)
Etienne Samain (UNICAMP)
Giovandro Ferreira (UFBA)
José Manuel Rebelo (ISCTE, Portugal)
Jeronimo C. S. Braga (PUC-RS)
José Marques de Melo (UMESP)
Juremir Machado da Silva (PUCRS)
Luciano Arcella (Universidade d'Aquila, Itália)
Luiz C. Martino (UnB)
Marcio Guerra (UFJF)
Margarida M. Krohling Kunsch (USP)
Maria Teresa Quiroz (Universidade de Lima/Felafacs)
Marialva Barbosa (UFF)
Mohammed Elhajii (UFRJ)
Muniz Sodré (UFRJ)
Nélia R. Del Bianco (UnB)
Norval Baitelo (PUC-SP)
Olgária Chain Féres Matos (UNIFESP)
Osvando J. de Moraes (UNESP)
Paulo B. C. Schettino (UFRN/ASL)
Pedro Russi Duarte (UnB)
Sandra Reimão (USP)
Sérgio Augusto Soares Mattos (UFRB)

Ciências da comunicação em processo: paradigmas e mudanças nas pesquisas em comunicação no século XXI

Conhecimento, leituras
e práticas contemporâneas

Osvando J. de Moraes
organizador

São Paulo
Intercom
2014

Ciências da comunicação em processo: paradigmas e mudanças nas pesquisas em comunicação no século XXI – conhecimento, leituras e práticas contemporâneas

Copyright © 2014 dos autores dos textos, cedidos para esta edição à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM

Editor

Osvando J. de Moraes

Projeto Gráfico e Diagramação

Mariana Real e Marina Real (OJM Casa Editorial)

Capa

Mariana Real e Marina Real (OJM Casa Editorial)

Imagem da capa: O Juízo Final (Michelângelo)

Preparação de originais

OJM Casa Editorial

Revisão

Carlos Eduardo Parreira (OJM Casa Editorial)

Revisão Final

OJM Casa Editorial

Ficha Catalográfica

Ciências da comunicação em processo: paradigmas e mudanças nas pesquisas em comunicação no século XXI: conhecimento, leituras e práticas contemporâneas / Organizador, Osvando J. de Moraes. – São Paulo: INTERCOM, 2014.
739 p.

E-book.

ISBN: 978-85-8208-087-0

1. Comunicação. 2. Teorias da Comunicação. 3. Jornalismo.
4. Publicidade e Propaganda. 5. Relações Públicas.
6. Comunicação organizacional. 7. Cinema. 8. Rádio e Televisão.
9. Ensino. 10. Pesquisa. Metodologia. I. Moraes, Osvando J. de.
II. Título.

CDD-300

Todos os direitos desta edição reservados à:

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM

Rua Joaquim Antunes, 705 – Pinheiros

CEP: 05415 – 012 – São Paulo – SP – Brasil – Tel: (11) 2574 – 8477 /

3596 – 4747 / 3384 – 0303 / 3596 – 9494

<http://www.intercom.org.br> – E-mail: intercom@usp.br

Capítulo 23

Desafios da pesquisa em Folkcomunicação: trajetória e fortalecimento da disciplina em um cenário de transformações socioculturais

Karina Janz Woitowicz¹

Cristina Schmidt²

Considerações Iniciais

Em uma trajetória de mais de 40 anos – tendo como marco a defesa da tese do pernambucano Luiz Beltrão³

1. Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), coordenadora do GP de Folkcomunicação da Intercom (2013-2014), vice-presidente da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom), editora da Revista Internacional de Folkcomunicação.
2. Doutora em Comunicação pela PUC-SP. Formada em Jornalismo e Mestre em Teoria e Ensino da Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. É pesquisadora da Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação Regional. Sócia Fundadora da Rede Folkcom e Sócia Colaboradora da INTERCOM. Leciona na Universidade de Mogi das Cruzes/SP, no Mestrado em Políticas Públicas, e na Faculdade Bertiooga, onde também é coordenadora de curso.
3. Luiz Beltrão foi fundador do Instituto de Ciências da Comunicação (ICINFORM) e da revista *Comunicações & Problemas*,

sobre os “agentes e meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”, em 1967 –, a folkcomunicação tem se destacado como uma teoria brasileira sobre os intercâmbios entre a cultura popular e a comunicação massiva com inquestionável relevância para o estudo dos fenômenos comunicacionais em permanente transformação diante de novos cenários socioculturais.

De acordo com José Marques de Melo (2008, p. 90), a folkcomunicação “adquire cada vez mais importância, pela sua natureza de instância medidora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica”. Esta característica multifacetada, que tem despertado interesse de pesquisadores da Comunicação e de áreas afins, permite a constante atualização de objetos e abordagens, tendo em vista as dinâmicas culturais em curso.

No presente artigo, são elencados alguns marcos da consolidação da teoria da folkcomunicação no âmbito das Ciências da Comunicação, com base em pesquisa bibliográfica e levantamento de dados relativos

primeira revista de Ciências da Comunicação. Foi o primeiro doutor em Comunicação no Brasil, defendendo sua tese sobre Folkcomunicação na Universidade de Brasília. Faleceu em Brasília, em 1986, deixando um vasto material de pesquisas, livros, textos sobre folkcomunicação, comunicação de massa, cultura popular, jornalismo e pesquisa em comunicação. Informações extraídas do Portal Luiz Beltrão: <http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.htm>.

à produção científica neste campo de estudos. Tem-se como referência os espaços acadêmicos de produção e difusão da pesquisa em folkcomunicação, tais como os grupos de trabalho mantidos em eventos científicos, os grupos de pesquisa desenvolvidos nas universidades e os indicadores de expansão da teoria.

O percurso desenvolvido ao longo do trabalho busca situar a relevância da folkcomunicação no pensamento comunicacional brasileiro, traçar o percurso de legitimação da teoria junto à comunidade científica, por meio da atuação de entidades científicas, e apresentar um mapeamento da contribuição do Grupo de Pesquisa de Folkcomunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) no fortalecimento da pesquisa na área e na descoberta de novos temas e abordagens, com ênfase nas mídias digitais e nas novas formas de comunicação de grupos e setores marginalizados.

A folkcomunicação no pensamento comunicacional brasileiro

A folkcomunicação figura como “segmento inovador de pesquisa latino-americana no âmbito das ciências da comunicação” (MELO, 2008, p. 89). Neste campo de pesquisas, que tem como personagem pioneiro Luiz Beltrão, entende-se que as manifestações da cultura popular constituem meios de comunicação que representam

uma forma de ação ou contestação dos grupos marginalizados. Segundo Beltrão (1971), a folkcomunicação se baseia na utilização de mecanismos artesanais para expressar mensagens em linguagem popular.

Na análise de Hohlfeldt (2007, p. 82), “mais do que pensar apenas uma teoria, Luiz Beltrão foi capaz de optar por uma teoria (modo de ver e explicar a realidade) capaz de dar conta plenamente daquela realidade por ele estudada”, o que evidencia a importância dos estudos em folkcomunicação para as teorias brasileiras. Hohlfeldt (1997) reconhece a folkcomunicação como “comunicação de resistência” e observa sua natureza como “campo interdisciplinar, por exigir simultaneamente apelo a diferentes áreas não só das ciências sociais, em aproximações horizontais e equitativas, quanto multidisciplinar” (1997, p. 26).

Discípulo de Beltrão, José Marques de Melo (2003) reconstitui o itinerário intelectual do pesquisador, revelando as bases do que viria a ser uma teoria original e genuinamente brasileira, em que ganha força o sentido contestatório do folclore e dos meios informais de comunicação. Ao deixar um legado intelectual “fértil, instigante e provocativo”, o autor observa a receptividade às ideias de Beltrão e também a resistência vivida pelo pensador ao focar em seus estudos a cultura do povo.

No percurso de consolidação da folkcomunicação, é importante destacar, além das contribuições do fundador da teoria, os seguidores que deram continuidade aos seus estudos, aprofundando e lançando outros olhares sobre os objetos da cultura, de modo a extrair reflexões

sobre os processos comunicacionais. José Marques de Melo, Roberto Benjamin, Osvaldo Trigueiro e Joseph Luyten estão entre os discípulos diretos, responsáveis pelo desenvolvimento e projeção da teoria da folkcomunicação no Brasil e no exterior.

Marques de Melo (2008b) retrata o desenvolvimento dos estudos de folkcomunicação, que deram continuidade e atualizaram a teoria de Luiz Beltrão, destacando que os pesquisadores se deslocaram do estudo da recodificação popular das mensagens da cultura de massa para a “incorporação de bens da cultura popular pela indústria cultural”.

As novas correntes de estudiosos da folkcomunicação percorrem fluxo inverso àquele originalmente concebido por Luiz Beltrão. O fundador da disciplina privilegiou os autênticos processos folkcomunicacionais, bem como a folkmídia enquanto recodificadora das mensagens previamente veiculadas pelos mass media. Seus jovens discípulos procuram desvendar de que maneira a folkcomunicação atua como retroalimentadora das indústrias culturais, seja pautando matérias jornalísticas, gerando produtos ficcionais, embaçando campanhas publicitárias e de RP ou invadindo os espaços de entretenimento. (2003, p. 344)

Marques de Melo (2008) revela as contribuições do legado beltraniano, destacando o pioneirismo e a pertinência da folkcomunicação e reconhecendo também as mudanças e inovações ocorridas nos estudos nos últimos anos.

Depois de quatro décadas de acumulação de conhecimentos, torna-se indispensável revisar criticamente as transformações operadas na disciplina, na tentativa de discernir quais os elementos que permanecem imutáveis no período, quais as mutações evidentes e quais as tendências renunciadas pelas novas gerações que deram sequência às ideias originais de Luiz Beltrão. (2008a, p. 53-54)

No entanto, o autor refere-se à reduzida valorização ou mesmo ao apagamento das contribuições brasileiras às ciências da comunicação nas pesquisas e instituições. A este respeito, analisa:

Essa omissão pode ser creditada, em parte, ao “complexo do colonizado”, vitimando os ocupantes de posições de “vanguarda” na nossa vida universitária, que só vislumbram cenários exógenos. Mas ela decorre, também, da ausência ou carência de fontes de referência destinadas a suscitar análises em torno dos autores de ideias endógenas por parte dos jovens praticantes dos ofícios midiáticos ou daqueles que pretendem dedicar-se ao seu mapeamento investigativo. (MELO, 2003, p. 10)

Ao discutir as novas tendências de pesquisa na área, Hohlfeldt chama a atenção para o fato de que a folkcomunicação é o “estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular

ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos” (2003, p. 02). Contudo, apesar da sua pertinência para as ciências da Comunicação, em função de se tratar de uma disciplina dinâmica e aberta a constante reinterpretação, sofre resistências para se incorporar no meio acadêmico, conforme também destacado por Marques de Melo.

Para Hohlfeldt, esta resistência se deve a dois aspectos: “de um lado, a falta de coerência, refinamento e acuidade teórica que boa parte dos pesquisadores de folkcomunicação evidenciam, terminando por confundir o conceito de manifestação folclórica ou de cultura popular como de folkcomunicação”; “de outro, o preconceito e a desconfiança, em boa parte motivados por nosso complexo de inferioridade cultural que prefere incorporar perspectivas estrangeiras às aquelas nacionais, quando no estudo de fenômenos sócio-culturais” (HOHLFELDT, 2003, p. 04).

Por isso mesmo, a folkcomunicação tem enfrentado alguns desafios, que precisam ser superados para o fortalecimento e reconhecimento da disciplina no meio acadêmico. Na análise de Hohlfeldt (2012, p. 59-60), destacam-se: dificuldade para o acesso à bibliografia original de Luiz Beltrão; necessidade de se pensar prática e reflexivamente os princípios teóricos da folkcomunicação; sistematização de uma metodologia e de tipologias para a pesquisa da folkcomunicação; recepção

da folkcomunicação enquanto disciplina acadêmica nos cursos universitários de comunicação. De acordo com o autor,

Gradualmente, a folkcomunicação vem encontrando espaço em meio aos estudos comunicacionais brasileiros, atingindo, já, aproximações com estudos semelhantes na América Hispânica e até mesmo na Europa ibérica, o que lhe garante não apenas sobrevivência, mas também possibilidade de diálogo, o insumo mais importante para a vitalidade de toda e qualquer teoria, seja em que campo for do conhecimento humano. (2012, p. 61)

Outras gerações de pesquisadores têm oferecido suas contribuições para o desenvolvimento e fortalecimento da teoria da folkcomunicação, seja por meio de grupos de pesquisa mantidos em suas instituições de origem, na participação em eventos da área, na publicação de trabalhos em periódicos especializados ou na produção de livros e coletâneas com estudos folkcomunicacionais.⁴

4. Informações detalhadas sobre a trajetória da folkcomunicação podem ser encontradas nos trabalhos de José Marques de Melo, Cristina Schmidt, Maria Cristina Gobbi e Betania Maciel. Entre eles, destacam-se: MELO, José Marques de; TRIGUEIRO, Osvaldo (orgs.). **Luiz Beltrão: pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil**. João Pessoa: UFPB; Intercom, 2008; MACIEL, Betania. Os estudos de folkcomunicação no campo comunicacional brasileiro. In: LIMA, João Cláudio Garcia

Neste sentido, uma importante iniciativa que merece registro é a publicação, no ano de 2013, do livro *Metamorfose da Folkcomunicação*, organizado por José Marques de Melo e Guilherme Moreira Fernandes. A obra é uma antologia de textos clássicos, em grande medida até então inacessíveis, acompanhados de notas introdutórias que situam os autores e os conceitos no tempo e no espaço. Em mais de mil páginas, o livro percorre a pré-história da folkcomunicação, os precursores e pioneiros, as matrizes empíricas, as contribuições atuais, até a institucionalização e a sedimentação da teoria. Oferece, portanto, as bases que consolidaram os estudos de folkcomunicação.

O resultado deste processo de consolidação da disciplina, que contou com a atuação efetiva de diferentes gerações de pesquisadores que se dedicam aos estudos dos processos folkcomunicacionais, pode ser verificado atualmente pela representatividade que tais estudos assumem nas entidades científicas da área e no desenvolvimento das pesquisas nas instituições brasileiras. De tal modo que, conforme Betania Maciel (2013, 232), “a comunidade acadêmica estaria hoje em prejuízo se ignorasse os aportes folkcomunicacionais”.

R.; MELO, José Marques de. **Panorama das comunicações e das telecomunicações no Brasil**. 2012-2013. Vol. 4, Memória. Brasília: IPEA, 2013; SCHMIDT, Cristina, Folkcomunicação: memória institucional. In: CASTRO, Daniel; MELO, José Marques; CASTRO, Cossete. (Org.). **Panorama da comunicação e das Telecomunicações no Brasil**. Brasília: IPEA, 2010, v. 2; entre outros estudos.

A consolidação da pesquisa em folkcomunicação no âmbito científico

Os registros da trajetória de consolidação da teoria podem ser observados pela atuação de entidades científicas da Comunicação, que têm permitido o fortalecimento e a atualização da teoria original de Luiz Beltrão no âmbito da pesquisa na área. A Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – e a Rede Folkcom – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação – figuram como espaços de interlocução e difusão dos estudos focados na folkcomunicação, estimulando ainda diálogos interdisciplinares com outras áreas das Ciências Humanas e Sociais.

Para contextualizar alguns marcos da consolidação da pesquisa em folkcomunicação, é importante destacar o papel da Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional como incentivadora dos estudos nesta área. Foi com o apoio da Cátedra que se realizou a 1ª Conferência de Folkcomunicação, na Universidade Metodista de São Paulo, em agosto de 1998, sob a coordenação do professor José Marques de Melo. O evento culminou com a criação da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom), entidade que agrega pesquisadores que se dedicam aos estudos folkcomunicacionais, que desde o ano de 2004 se constitui como uma organização não governamental (ONG) de caráter científico.

A Rede realizou 16 eventos anuais em diferentes instituições brasileiras de ensino desde a sua criação até

2013, passando, a partir deste ano, a promover eventos bianuais.⁵ A produção decorrente destes eventos está disponível em CD de Anais dos congressos e coletâneas de artigos publicadas em livro.

Também no ano de 1998 se tem registro dos primeiros trabalhos de folkcomunicação apresentados nos congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e da criação do Grupo de Trabalho de Folkcomunicação da Asociación Latino-Americana de Investigadores de la Comunicación (Alaic).⁶ Além disso, a expansão internacional da folkcomunicação está contemplada no grupo de folkcomunicação da Federação das Associações Lusófonas de Ciências da Comunicação (Lusocom). Vale destacar, ainda, que a disciplina está contemplada na Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de

5. A descrição completa das conferências nacionais de folkcomunicação pode ser consultada em: SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: memória institucional. In: CASTRO, Daniel; MELO, José Marques; CASTRO, Cossete. (Org.). **Panorama da comunicação e das Telecomunicações no Brasil**. Brasília: IPEA, 2010, v. 2.
6. Segundo Roberto Benjamin, que coordenou o GT de Folkcomunicação da Alaic, o grupo foi implantado no Congresso de 1998, na cidade do Recife, como uma homenagem a Luiz Beltrão. Ver: BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade. Revista Alaic, año V, n. 8-9, enero/diciembre 2008. Disponível em: <http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/viewFile/75/73>

Comunicação (Socicom), criada em 2008, tendo a Rede Folkcom como uma de suas filiadas.

Na análise de Schmidt (2010, p. 260),

[...] passadas mais de quatro décadas com pesquisas regionais e nacionais, seminários regionais e conferências nacionais, pesquisadores envolvidos com as reflexões e produções acadêmicas em Folkcomunicação ganharam representatividade efetiva no campo da comunicação e conquistaram espaços nas principais organizações científicas.

Além da participação nas entidades científicas da área, uma das fontes de pesquisa para a identificação da presença da folkcomunicação nos estudos em Comunicação reside nos grupos de pesquisa mantidos pelas instituições de ensino superior. Embora muitas iniciativas estejam registradas apenas nas instituições a que pertencem os pesquisadores, a base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq⁷ constitui um ponto de partida para o mapeamento proposto.⁸ No último censo, constam dez grupos de pesquisa que fazem referência ao campo de pesquisa em folkcomunicação, dez que tratam

7. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em 12/07/2014.

8. A consulta à base de dados deu-se por meio de busca por palavras-chave (folkcomunicação, cultura popular e comunicação popular). Foram selecionados apenas os grupos pertencentes à área da Comunicação.

de comunicação popular e onze de cultura popular, na área da Comunicação.

Entre os grupos focados em folkcomunicação, que mencionam esta abordagem teórica em sua descrição, constam: Comunicação, Cultura e Desenvolvimento (UEPB), Estudos de Folkcomunicação (UESC), Folkcomunicação e discursos organizacionais (UFPB), Grupo de Estudos sobre Cibermuseus - GREC (UFBA), Comunicação, Economia Política e Diversidade – COMMUM (UFPI), Jornalismo Cultural e Folkcomunicação (UEPG), Jornalismo, Ciência e Sociedade (UFV), Mídias Digitais (UEPG), Grupo de Pesquisas em Políticas Públicas – GRUPPU (UMC) e Grupo de Estudos em Cultura Folclórica Aplicada (IFCE), este último da área da Antropologia.

Além destes dados, é importante destacar a existência de 15 linhas de pesquisa, em diferentes instituições, que estudam a folkcomunicação: Cultura Local e Regional (UFV), Discursos e gêneros folkmidiáticos nos cenários de produções culturais (UFPB), Estudos de jornalismo cultural e folkmídia (UEPG), Folclore e Comunicação (UFPI), Folkcomunicação (IFCE), Folkcomunicação (UFBA), Folkcomunicação, Análise do Discurso e Estudos Culturais (UESC), Folkcomunicação, manifestações populares e consumo cultural (UEPG), Folkcomunicação e Cultura Popular (UEPB), Folkcomunicação e Economia da Cultura (UESC), Gêneros e Formatos da Folkcomunicação (UESC), Processos jornalísticos, representações e práticas socioculturais (UEPG), Produção bibliográfica sobre mídia e cultura popular (UEPG),

Relações Públicas Folkcomunicacionais (UFPB) e Mídia e Políticas Culturais (UMC).

No cruzamento de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq com palavras-chave que se relacionam com ao campo de atuação da folkcomunicação, foram localizados outros nove grupos que estudam cultura popular⁹ e oito que abordam a comunicação popular¹⁰,

9. No total de 11 grupos da área da Comunicação que se dedicam à cultura popular, dois fazem referência à folkcomunicação (Jornalismo Cultural e Folkcomunicação e Comunicação, Cultura e Desenvolvimento, já elencados no levantamento anterior). Outros nove grupos investigam a cultura popular, mas não mencionam diretamente o referencial da folkcomunicação: Núcleo de Pesquisa em Jornalismo (UESB), Midiatização e Indústria Cultural (UNICAP), Interfaces Sociais da Comunicação: Mídias e Educação, Políticas e Culturas (UFU), Comunicação, Mídia e Sociedade (UNISA), Estudos de Comunicação e Cultura (UNAERP), Comunicação, Sociedade e Cultura (UFPR), Comunicação, Memória e Cultura Popular (UEPB), Grupo CELACC (USP), Mídia, Educação e Cultura – Imagens e Espaços Populares de Mídias Contemporâneas, Indústria Cultural e Educação Audiovisual (UERJ).
10. Dos 18 grupos que enfocam seus estudos em comunicação popular, 10 são da área da Comunicação e dois deles estão voltados à folkcomunicação (Jornalismo Cultural e Folkcomunicação e Comunicação, Cultura e Desenvolvimento, já elencados entre os grupos de pesquisa). Os oito restantes abordam diferentes perspectivas sobre o tema, sem mencionar diretamente a folkcomunicação: Comunicação e História (UEL), Núcleo de Pesquisa em Comunicação Popular (UEL), Media Education (UNIFAP), Jornalismo Popular e Alternativo - ALTERJOR (USP), Co-

embora sem acionar explicitamente o referencial teórico da folkcomunicação.

Em outra consulta, realizada junto à base de dados do Portal de Periódicos da Capes¹¹, foram identificadas 30 pesquisas no banco de teses e dissertações que utilizam a folkcomunicação como aporte teórico. Deste total, nove foram defendidas entre os anos de 2011 e 2013, o que revela que a teoria está sendo trabalhada, em alguma medida, nos programas de pós-graduação do país, ainda que sejam poucas as linhas de pesquisa que explicitem o interesse pelo estudo dos processos comunicacionais inerentes às manifestações da cultura.

Outro dado ilustrativo da presença da folkcomunicação na comunidade científica pode ser percebido em uma consulta à plataforma lattes (CNPq)¹². Em uma busca pela palavra-chave “folkcomunicação”, constam 670 pesquisadores (de graduação, mestrado e doutorado) que, em algum momento de suas trajetórias acadêmicas, abordaram a folkcomunicação; destes, 175 são doutores.

Além destes indicadores, que permitem esboçar o reconhecimento da folkcomunicação no meio científico, é

municação, Ciência & Tecnologia e Sociedade (UNIPAMPA), Comunicação, Memória e Cultura Popular (UEPB), Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária e Popular (UESPI) e Comunicação, Sociedade e Cultura (UFPR).

11. Disponível no endereço: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em 10/07/2014.

12. Disponível no endereço: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em 10/07/2014.

válido destacar a criação de um periódico científico focado nos estudos folkcomunicacionais como parte do fortalecimento das pesquisas na área. Em 2003, quando foi publicada a primeira edição da *Revista Internacional de Folkcomunicação* (RIF), em formato on-line (disponível no endereço <http://www.revistas.uepg.br>) e com periodicidade semestral até 2011, já se tinha como expectativa o lugar que o periódico iria ocupar como catalizador dos estudos folkcomunicacionais. Desde então, a RIF tem por objetivos difundir a produção científica em Folkcomunicação, incentivar a produção nessa área de Comunicação e propiciar conhecimento sobre o assunto para professores, pesquisadores e estudantes do campo.¹³

Em 2012, a RIF alterou sua periodicidade para quadrimestral, publicando, além das duas edições habituais, um dossiê temático, que se propõe a canalizar demandas

13. Com o apoio, desde o início, da Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação, a RIF foi criando as bases para se legitimar como um espaço de produção científica em Comunicação. Inicialmente editada em parceria com o Instituto de Estudos Superiores de Brasília (IESB), sob coordenação do professor Antônio Barros, a Revista Internacional de Folkcomunicação logo se tornou referência na publicação de textos e resultados de investigações folkcomunicacionais. Em novembro de 2004, com o lançamento da quarta edição, o periódico passa a ser editado em parceria com a Agência de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). Atualmente, a Revista é publicada também com o apoio do Programa de Mestrado em Jornalismo da UEPG.

emergentes de pesquisa em folkcomunicação. O primeiro número do dossiê foi publicado em setembro de 2012, com artigos que tratam da temática “Sabores populares na mídia”, com dez artigos resultantes de uma pesquisa integrada realizada pela Rede Folkcom, que identifica a cobertura midiática da gastronomia popular em diferentes estados do país. Em 2013, o tema foi “Festas Juninas: cenários folkcomunicacionais”, com 11 artigos publicados. E, em 2014, a *Revista* irá abordar a temática “Folkcomunicação e ativismo”, de modo a oferecer a contribuição da folkcomunicação aos estudos sobre a mídia dos movimentos sociais.

A trajetória de 11 anos da RIF é reveladora do amadurecimento acadêmico da folkcomunicação. Nas 25 edições da *Revista* (no período 2003-2014), foram publicados 171 artigos¹⁴, além de dezenas de outros textos (em forma de ensaios, resenhas, entre outros), que tematizam diversos aspectos da folkcomunicação – desde a obra fundadora de Luiz Beltrão até os novos olhares e objetos contemplados neste campo de estudos.

Os artigos, resultantes de dissertações, teses, pesquisas e reflexões teórico-conceituais, indicam as tendências de pesquisa em folkcomunicação, aprofundam abordagens que originaram a disciplina e ampliam olhares e objetos referentes à cultura e à comunicação popular, contribuindo para a consolidação dos estudos folk

14. O levantamento dos textos publicados período de 2003 a 2009 foi realizado em pesquisa sobre a RIF desenvolvida por Sérgio Gadini (2010).

no Brasil e no exterior. As temáticas principais dos artigos publicados na RIF consistem na análise de objetos da cultura popular (manifestações religiosas, musicais, literárias, festejos populares, danças, rituais, expressões da cultura urbana, lendas, entre muitos outros objetos do universo folclórico), nas relações e apropriações entre a cultura popular e a comunicação massiva, na renovação das teorias de Beltrão, com diálogos e aproximações teóricas (em especial estudos culturais e teorias latino-americanas), na relação da folkcomunicação com a mídia comunitária/popular/alternativa, além de novos objetos propostos a partir da inserção das tecnologias.

O espaço da RIF no cenário das publicações científicas¹⁵ é, portanto, resultado de uma trajetória de pesquisa em folkcomunicação que propõe alguns desafios: desvendar possíveis vias de investigação, considerando novos objetos e o fortalecimento de metodologias próprias da folkcom, valorizar o diálogo entre as contribuições conceituais da folkcomunicação e as observações e análises de pesquisa empírica, bem como a constante atualização do legado beltraniano.

Entende-se, com base nos elementos aqui elencados, que o percurso de mais de 40 anos da teoria

15. A RIF está presente em seis portais científicos: Portal LivRe!, Latindex, Portal Periódicos da CAPES, RedIberoamericana de Revistas de Comunicación y Cultura, Sumários.org e IBICT/Seer. Além disso, a Revista Folkcom passou a integrar em 2011 a Rede de Revistas Científicas de Comunicação (Reviscom), coordenada pela professora Doutora Cicilia Krohling Peruzzo da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

da folkcomunicação foi marcado pela participação de pesquisadores de diferentes gerações em entidades científicas, grupos de pesquisa nas instituições e periódicos científicos, resultando na constituição de uma vertente de pesquisa que se legitimou no meio acadêmico pela força da pesquisa empírica e pela atualidade de seus objetos, conforme se pode observar na produção científica resultante dos principais eventos da área.

Contribuições do GP da Intercom para a pesquisa folkcomunicacional

A formação de grupos que enfocam a folkcomunicação em entidades científicas é reveladora da importância teórica assumida pela teoria. De acordo com Maria Isabel Amphilo (2011, p. 206), tais grupos possibilitam a “difusão da folkcomunicação e o debate construtivo de novas ideias e conceitos, gerando o fortalecimento e a sedimentação da área, além do movimento de internacionalização da folkcomunicação”.

A autora realizou estudo sobre as produções científicas dos principais congressos que abarcam a folkcomunicação no período de dez anos (1998-2008), chegando a um total de 706 trabalhos: 490 nos Congressos da Folkcom; 149 no GP de Folkcomunicação da Intercom e 59 no GT de Folkcomunicação da Alaic, além de 8 tra-

balhos no Congresso Brasileiro de Folclore, que incorporou o GT em 2007.¹⁶

Ao longo de 16 anos, a Conferência Brasileira de Folkcomunicação totalizou 598 artigos produzidos por pesquisadores de diferentes regiões do país.¹⁷ De acordo com pesquisa realizada por Kevin Kossar Furtado e Sérgio Gadini (2013), entre as abordagens mais frequentes nos trabalhos encontram-se os estudos sobre cultura popular, expressões folkcomunicacionais (etnias, religião, política, turismo, marketing) e comunicação popular/massiva, que concentram cerca de 50% das produções. Outro aspecto destacado pelo autor é a presença de reflexões interdisciplinares, que se desdobram em metodologias variadas para o estudo da folkcomunicação.

Ao lado da *Conferência Brasileira de Folkcomunicação*, o GP de Folkcomunicação da Intercom figura como um dos espaços mais representativos para a produção científica na área, ao agrupar pesquisadores interessados em desenvolver estudos baseados no referencial da folkcomunicação.

16. Levantamento completo da produção científica resultante dos eventos da área foi apresentado por Maria Cristina Gobbi (2011), em artigo sobre a pesquisa “Cartografia da folkcomunicação”, coordenada pela autora, disponível no livro *Território da Folkcomunicação*.

17. Em estudo sobre os 15 anos da *Conferência Brasileira de Folkcomunicação (1998-2013)*, Kevin Kossar Furtado (2013) analisa 540 trabalhos selecionados no evento. Como na 16ª Conferência foram inscritos 58 artigos, chegou-se ao total de 598 trabalhos ao longo das edições do evento.

Sebastião Breguez¹⁸, que atuou como primeiro coordenador do GP de Folkcomunicação da Intercom, relata que era coordenador do Seminário Nacional de Comunicação e Turismo (SEMITUR) e sugeriu ao Comitê Científico da Intercom a criação do Núcleo de Pesquisa de Folkcomunicação. A proposta foi aprovada e o pesquisador coordenou o GP no período de 2001 a 2006, sendo sucedido por Osvaldo Trigueiro de 2007 a 2009 e por Cristina Schmidt de 2010 a 2012.

De acordo com Breguez, o perfil dos participantes era de “iniciantes na área, sem muito domínio do tema e seus paradigmas metodológicos”. “Os trabalhos apresentados, como reflexo do início da área de pesquisa, não estavam completamente sintonizados com o pensamento de Luiz Beltrão. Mas já tinham um bom potencial”, observa.

O pesquisador lembra que os critérios para participar do grupo de pesquisa, que se mantêm até hoje, envolviam originalidade (ineditismo) do artigo, criatividade e rigor metodológico. Os temas predominantes nos trabalhos, ainda segundo Breguez, eram as “manifestações do folclore brasileiro com leitura comunicacional”, como por exemplo artigos sobre frases de banheiro, literatura de cordel, artesanato popular, congado, folia de reis, religiosidade popular, etc.

Em sua avaliação sobre a trajetória do GP de Folkcomunicação da Intercom, Sebastião Breguez analisa:

18. Informações obtidas em entrevista realizada por e-mail em 15/07/2014.

Penso que a área de pesquisa da Folkcomunicação evoluiu muito de 1988 até hoje. Os espaços de apresentação de pesquisas na INTERCOM ajudam muito o pesquisador porque ele recebe orientações de como caminhar corretamente. [...] É por isto que a área de Folkcomunicação está crescendo. Primeiro com a ajuda dos mais antigos que participam tanto da Rede Folkcom quanto da Intercom e de outras sociedades científicas que abrigam a Folkcomunicação. Temos hoje publicações como revistas, jornais e edição de livros que mostram a evolução do pensamento folkcomunicacional no Brasil e fora dele.

Cristina Schmidt, que também atuou como coordenadora do GP de Folkcomunicação, realizou um estudo sobre perspectivas de pesquisa na área tendo como corpus do estudo os artigos publicados no GP da Intercom. Segundo a autora, o grupo “abre seus olhares investigativos para a compreensão da diversidade cultural em suas produções com diferentes estaturas, vinculações técnicas, étnicas, estéticas e institucionais e, suas pesquisas adquirem maior importância quando realizam trabalhos empíricos e permitem o acompanhamento direto da manifestação cultural”.

No levantamento realizado por Schmidt (2012, p. 14) sobre a produção do GP de Folkcomunicação da Intercom, são apresentados os seguintes dados:

Nos primeiros 09 anos de NP de Folkcomunicação foram 107 trabalhos apresentados, em uma

média de 12 trabalhos/ano. E, nos últimos cinco anos, tivemos um aumento considerável de trabalhos, foram 109, uma média de 22 trabalhos/ano. Nesses anos, trabalhamos com pesquisadores de todas as regiões brasileiras (Média aproximada: 38% Nordeste, 35% do Sudeste, 14% do Sul, 8% Centro-Oeste, 5% do Norte), representantes de universidades públicas e privadas (Média aproximada: 72% de instituições públicas, 28% de instituições particulares).

No total, desde a sua criação, em 2001¹⁹, até o ano de 2013, o GP de Folkcomunicação da Intercom registrou 242 trabalhos selecionados. Este dado apresenta sintonia com as reflexões de Maria Isabel Amphilo (2011, p. 210) a respeito da expansão da pesquisa em folkcomunicação a partir das entidades científicas.

[...] a folkcomunicação vem crescendo com o passar dos anos e, cada vez mais, aglutinando pesquisadores que trabalham na temática do folclore e cultura popular e suas relações, nas mediações e interfaces midiáticas geradas e que alimentam a indústria cultural do país. O estudo revelou a alta quantidade de citações de autores nacionais, devido à necessidade de se traduzir

19. Antes do ano de 2001, quando foi criado o Núcleo de Folkcomunicação, foram apresentados 15 trabalhos de folkcomunicação em outros espaços do Congresso da Intercom, no período de 1998 a 2000, conforme registro apresentado por Schmidt (2012) e Gobbi (2011).

as informações midiáticas e os fatos folclóricos e práticas culturais, como também a citação de autores estrangeiros em busca de respaldo epistemológico e teórico-conceitual, que faz-se necessário para a fundamentação científica da folkcomunicação.

Na análise de Maciel (2013, 231), a respeito das perspectivas da pesquisa em folkcomunicação, as pesquisas desenvolvidas na área contemplam “as culturas populares e suas diferentes manifestações de hibridização da cultura folk e da cultura massiva; os estudos de recepção de mídias e programas de intervenção social; além das análises discursivas e os impactos das novas tecnologias da informação e comunicação na sociedade contemporânea”.

Sobre esta última abordagem, pode-se observar que, nos últimos anos, de acordo com Schmidt (2009, p. 07), uma linha crescente de estudos “se propõe a pesquisar a apropriação das tecnologias da comunicação de massa (e outras) e o uso dos canais massivos por portadores da cultura folk; aqui estão localizados os estudos que compreendem a utilização de meios tecnológicos para auxílio ou suporte de suas expressões”.

Os trabalhos que tratam das manifestações culturais na internet e das transformações culturais no contexto das mídias digitais, que ganharam força nos últimos anos, abrem espaço para o estudo de novos objetos e práticas comunicativas que passam a ser analisadas pelo viés da folkcomunicação. Apenas para ilustrar esta observação, nota-se que, nos últimos cinco anos do GP de

Folkcomunicação (2009-2013), 14 artigos, em um total de 93 trabalhos, trazem investigações relacionadas à folkcomunicação na internet, o que corresponde a 15% dos temas de pesquisa apresentados pelo grupo.

Este dado confirma a análise de Schmidt (2012, p. 16), ao identificar os caminhos da folkcomunicação na era digital e observar as apropriações folk pela indústria da cultura:

Pesquisadores de Folkcomunicação estão inseridos no contexto das “mídias digitais” e da economia voltada para o mercado cultural, que exige manifestações/produtos ágeis o suficiente para atuar nos meios com diferenciais; uma manifestação cultural mediada pelas possibilidades de negócios da indústria da cultura.

A constante atualização da teoria da folkcomunicação, verificada nos trabalhos que integram o GP de Folkcomunicação da Intercom, aponta para um momento produtivo da pesquisa na área, em que a natureza interdisciplinar da teoria caminha para a busca de especificidades da pesquisa folkcomunicacional, diante de novos objetos e cenários socioculturais.

Algumas considerações: desafios da pesquisa em folkcomunicação

A área da Comunicação é marcada pela pluralidade de vertentes teóricas e pela dinamicidade de seus objetos.

Neste sentido, cabe à folkcomunicação demarcar sistematicamente sua importância no meio científico, valorizando a pesquisa empírica e priorizando o rigor teórico-metodológico nas análises dos processos comunicacionais.

De acordo com Gobbi (2010, p. 55),

Falar do cenário da comunicação é admitir que se trata de uma área que tem vivido constantemente sob a guarda da transição, mas é sobretudo entender diferenças, administrar valores, respeitar a diversidade, sobreviver na pluralidade de opiniões sem perder a perspectiva de que singularidades se apresentam como pontos de confluência entre os saberes, formando o grande campo da Comunicação. Tratar de Comunicação é administrar a amplitude das possibilidades, é enxergar a polaridade, mas é delimitar fronteiras, entender o cenário e os atores que nele encenam diariamente seus cotidianos.

Se “a área da Comunicação está cercada por desafios que eclodem em cenários diversificados, necessitando de consolidação e legitimação” (GOBBI, 2010, p. 57), ampliar as redes de pesquisa e os espaços de interlocução com a comunidade científica constitui uma prática que pode contribuir para a descoberta de novos caminhos para a pesquisa em folkcomunicação.

Neste sentido, entre os desafios da pesquisa em folkcomunicação estão o fortalecimento de estudos na graduação e na pós-graduação; a constante exigência de rigor científico nas pesquisas; e a difusão das perspectivas de

estudo em folkcomunicação, com novas abordagens, diálogos teóricos e objetos.

No momento em que folkcomunicação registra o reconhecimento acadêmico e o fortalecimento junto a entidades científicas, os espaços de diálogo entre pesquisadores, tais como os eventos da área, traduzem o compromisso de difundir a teoria diante dos desafios e perspectivas que se colocam ao campo da Comunicação no século XXI. Afinal, a pertinência teórica da folkcomunicação reside no estudo dos processos informais de comunicação protagonizados pelos grupos marginalizados de ontem e de hoje.

Referências

AMPHILO, Maria Isabel. Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*, ano 15, n. 15, p. 193-212, jan/dez. 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. **Comunicação e folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

FURTADO, Kevin Kossar; GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. Cartografia dos estudos folkcomunicacionais no Brasil: retrato temático dos 15 anos

da Conferência Brasileira de Folkcomunicação. XVI Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Juazeiro do Norte: UFC, 2013.

GADINI, Sérgio Luiz; CALIXTO, Adrielle da Costa. *Breve cartografia dos estudos em Folkcomunicação: um retrato temático e editorial da Revista Internacional de Folkcomunicação. Comunicação e Sociedade, São Bernardo do Campo, ano 31, n. 53, p. 215-231, jan./jun. 2010.*

GOBBI, Maria Cristina. Cartografia da Folkcomunicação no Cenário Latino-Americano. In: MACIEL, Betânia; MELO, José Marques de; LIMA, Maria Érica de Oliveira (org.). **Território da folkcomunicação**. Natal: Editora UFRN, 2011.

_____. Panorama da produção de conhecimento em Comunicação no Brasil. In: CASTRO, Daniel; MELO, José Marques de; CASTRO, Cosette (orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Vol. 3. Brasília: IPEA, 2010. P. 15-61.

HOHLFELDT, A. C. Pesquisa em folkcomunicação: possibilidades e desafios. In: LOPES FILHO, Boanerges; FERNANDES, Guilherme Moreira; COUTINHO, Iluska; MENDES, Marise Pimentel; OLIVEIRA, Maria José (orgs.). **A folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012; p. 53-64.

_____. Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século. *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*. Universidade

Metodista de São Paulo, vol. 1, n. 1, set. 1997. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997; p. 25-34.

_____. Pioneirismo no campo da comunicação. In: MELO, José Marques de; DALLA COSTA, Rosa Maria; FONSECA, Jovina. (Org.). **Paradigmas brasileiros em Ciências da Comunicação**. 1ed. São Paulo: INTERCOM, 2012, v. 5, p. 241-262.

_____. Contribuição aos estudos acadêmicos de Comunicação Social de Luiz Beltrão. In: José Marques de Melo; Osvaldo Trigueiro. (Org.). **Luiz Beltrão - Pioneiro das ciências da comunicação no Brasil**. 1ªed. João Pessoa; São Paulo: UFPB; Intercom, 2007, p. 85-99.

MACIEL, Betania. Os estudos de folkcomunicação no campo comunicacional brasileiro. In: LIMA, João Cláudio Garcia R.; MELO, José Marques de. **Panorama das comunicações e das telecomunicações no Brasil**. 2012-2013. Vol. 4, Memória. Brasília: IPEA, 2013.

_____. Folkcomunicação: origens da entidade. In: CASTRO, Daniel; MELO, José Marques; CASTRO, Cossete. (Org.). **Panorama da comunicação e das Telecomunicações no Brasil**. Brasília: IPEA, 2010, v. 2.

MELO, José Marques de. **História política das Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

_____. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008a.

_____. Mutações em folkcomunicação: revisitando o legado beltraniano. *Razón y Palabra*, n. 60, enero/febrero 2008b. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n60/mmelo.html>

_____. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003.

MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: memória institucional. In: CASTRO, Daniel; MELO, José Marques; CASTRO, Cossete. (Org.). **Panorama da comunicação e das Telecomunicações no Brasil**. Brasília: IPEA, 2010, v. 2.

_____. Folkcomunicação: caminhos enunciados pela era digital. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: UNICEMP, 2009.

SCHMIDT, Cristina; FREITAS, Bianca Gonçalves de. A indústria da cultura à luz da folkcomunicação e as contribuições para o desenvolvimento cultural e humano. XI Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Montevideo, 2012.